

"... O que eles falam sobre o jovem não é sério...": uma crítica à perspectiva adultocêntrica da juventude

*(...) " O que eu consigo ver
É só um terço do problema
É o sistema que tem que mudar
Não se pode parar de lutar
Senão não muda
A juventude tem que estar aqui
Tem que se unir
O abuso do trabalho infantil, a
ignorância
Só faz destruir a esperança
Na TV o que eles falam sobre o
jovem Não é sério, não é serio
Deixa ele viver
É o que liga"*

*(Gravação de Charlie Brown Junior
para música de Chorão, Champignon
e Pelado)*

A pesquisa "Jovens do Sexo Masculino, Sexualidade e Saúde Reprodutiva": um estudo de caso na comunidade de Capuava, Santo André, São Paulo foi realizada na região periférica do município de Santo André na Grande São Paulo. Esse estudo de caso teve como característica ser exploratório de um tema específico e foi formulado com o propósito de levantar questões ou informações que pudessem contribuir para a elaboração de políticas públicas voltadas para as necessidades dos jovens do sexo masculino, sobretudo, no âmbito da saúde.

A pesquisa foi realizada na área de abrangência do Centro de Saúde Escola de Capuava, em Santo André, numa região caracterizada pela grande concentração de indústrias e pela distância da parte central da cidade¹. Foram realizadas entrevistas com jovens usuários e não-usuários do serviço de saúde local; grupos focais - pais, mães, professores e profissionais de saúde - e observação da rotina do Centro de Saúde. Utilizamos

para análise a abordagem compreensiva, que vem sendo aplicada em estudos de natureza qualitativa, para trabalhar "o conteúdo de manifestações da vida social, próprias às atividades dos sujeitos" (Abramovay e Rua, 2002:33).

O foco primordial deste artigo é verificar, com base nos discursos emitidos nos grupos focais e nas entrevistas, os sentidos que os jovens da região e os adultos que convivem com eles atribuem à juventude, aos cuidados com a saúde, à família, aos afetos, aos papéis de gênero, à violência, às drogas e à cidadania e a partir dessas informações poder compreender as manifestações da prática cotidiana relativa ao discurso hegemônico da juventude e da masculinidade.

Procurou-se destacar um aspecto específico, surgido nos dois grupos² de discussão realizados com rapazes, a partir das questões:

- 1) Como os jovens são vistos pela comunidade de Santo André?
- 2) O que se diz dos rapazes?

É importante destacar que no grupo focal os participantes narram e discutem visões e valores sobre eles próprios e o mundo que os rodeia (Abramovay e Rua, 2002:33).

O conceito de juventude

O objetivo é fomentar a discussão sobre a visão adultocêntrica³ da juventude, isto é, a visão que os adultos têm dos jovens. A concepção de juventude, que constitui o pano de fundo da discussão aqui proposta, está baseada no texto "O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira", de Marialice M. Foracchi, escrito no final dos anos 1960, mas que na nossa opinião ainda é pertinente

"A juventude é, ao mesmo tempo, uma fase da vida, uma

força social renovadora e um estilo de existência. Se a concebermos como a etapa que antecede a maturidade e que apresenta características singulares, notaremos que ela corresponde a um momento definitivo da descoberta da vida e da história e a uma fase dramática da revelação do eu. Sob esse segundo aspecto, é uma experiência particular que se universaliza como componente indispensável da formação da pessoa, como afirmação dos seus recursos e das suas potencialidades humanas. Os quadros dessa experiência particular e os caminhos da sua universalização são, no entanto, socialmente estabelecidos. Isto quer dizer que cada sociedade constitui o jovem à sua própria imagem. As representações que valoriza e as manipulações que estimula tendem, no geral, a fazê-lo agir dentro dos limites que ela mesma estabelece e que são os limites da sua preservação (...) Menos do que uma etapa cronológica da vida, menos do que uma potencialidade rebelde e inconformada, a juventude sintetiza uma forma possível de pronunciar-se diante do processo histórico e de constitui-lo, engajando-se." (p. 302-303)

O discurso de como os jovens, em geral, ou a juventude, são vistos pelos /sujeitos/ adultos da pesquisa reproduz, num primeiro momento, o discurso recorrente veiculado na mídia, ou seja, de que "ser jovem é um perigo" ou que "os jovens representam um perigo para a sociedade". A combinação adolescência/ drogas/ sexo/violência nunca esteve tão em voga para explicar todo o tipo de desatino cometido pelos jovens. O limite da menoridade inscrita nos instrumentos de proteção da infância e

da adolescência volta e meia é questionada, com apelos de que os menores estão sendo os grandes deflatores dos crimes atuais. Esta pauta circunscreve o perigo potencial que a juventude representa e é pano de fundo do discurso dos pesquisados.

Um segundo discurso contrapõe-se aos argumentos destacados inicialmente. Na medida em que os relatos contam histórias de indivíduos reais, personagens dos fatos cotidianos das pessoas, em casa, no trabalho, na escola e na comunidade a qual pertencem. O discurso do "perigo associado à juventude" é em alguns momentos amenizado, quase desconstruído, revelando-se em argumentações, tais como: "muitos jovens são sérios, dedicados ao estudo e à família."

Vimos em todos os grupos de adultos um discurso marcado pela ambigüidade: no início, considerações alarmistas, e com o decorrer dos relatos, as análises foram mais calçadas no cotidiano, inclusive com exemplos de experiências positivas e estruturalistas junto aos jovens. Nesse sentido pudemos perceber que a proximidade ou o convívio com o jovem põe em questão a inexorabilidade do conceito "juventude como sinônimo de perigo e contravenção".

De maneira geral, têm sido utilizadas muitas análises baseadas na sociologia funcionalista para explicar os temas da juventude. O foco concentra-se no processo de socialização e as mazelas vividas pela juventude não passam de reflexo da disfunção causada por um processo falho e inadequado.

Essa visão de juventude como problema social é histórica e é corroborada por muitos autores, como escreve Helena Abramo:

"(...) a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade. Seja porque o indivíduo jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social - por problemas localizados no próprio indivíduo ou nas instituições encarregadas de sua socialização ou ainda por anomalia do

próprio sistema social -, seja porque um grupo ou movimento juvenil propõe ou produz transformações na ordem social ou ainda porque uma geração ameaça romper com a transmissão da herança cultural" (p.29).

A construção social do gênero: a masculinidade em questão

As pesquisas mostram que há inúmeras maneiras de estruturação da(s) masculinidade(s), também relacionadas entre si hierárquica e assimetricamente. Diferentes tipos de masculinidades podem ser produzidos num mesmo contexto social, em geral, em torno de uma masculinidade hegemônica e um padrão de ser homem idealizado, que subordina outras formas de ser e agir³. A concepção que os adultos têm dos rapazes tende a reproduzir o modelo de masculinidade vigente na nossa sociedade. Os rapazes se sentem muitas vezes obrigados a provar que são "homens de verdade" e como homens são desencorajados a falarem dos seus sentimentos ou a procurar os serviços de saúde.

Um exemplo para este argumento foi a resposta dada pelos adultos participantes dos grupos focais à questão: qual o significado de "ser homem" na nossa sociedade? O objetivo da pergunta foi averiguar quais são os estereótipos presentes no discurso dos pais, das mães, dos(as) professores(as), dos(as) profissionais de saúde.

De modo geral, predominam entre os adultos adjetivos sobre ser homem, tais como "ter autoridade", "ser mais do que a mulher", "força", "machismo".

Entre as professoras a imagem masculina não é muito diferente, também identificam os homens como "machistas", ainda que alguns deles tenham considerado mudanças na concepção de masculinidade hegemônica:

"- Eu acho que a visão do homem está mudando. (Luciana)"

"- A mulher companheira, os dois trabalhando juntos, vivendo juntos, dividindo as coisas. Eu acho que já tem essa idéia. (Amália)"

"- Como a mulher está mudando, a maioria, eles estão acompanhando. (Luciana - grupo focal com mães)"

Porém, o machismo, característica persistente do modelo hegemônico de masculinidade, está relacionado, segundo as professoras e as mães, à força e ao poder. Esse atributo é naturalizado, como sendo parte do instinto masculino, os "homens já nascem assim". No entanto, essa visão essencialista não foi corroborada por todo o grupo.

Apesar das referências sobre o quanto os jovens de hoje estão diferentes dos jovens do passado, para o grupo de pais a palavra definidora do que o jovem pensa que é ser homem, foi responsabilidade.

A marca da responsabilidade deveria aparecer também no início da juventude, traduzida no engaja-

(...) a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade.

mento do filho no mundo do trabalho, na vida escolar e na interlocução com a família. Os filhos considerados responsáveis são motivo de orgulho e ilustram a competência dos pais, em torná-los "homens responsáveis".

Já a perspectiva dos profissionais de saúde é a de que os jovens buscam definir sua identidade masculina por meio de atitudes de liderança, de auto-suficiência e de virilidade.

(Des) encontro de gerações: Os jovens na perspectiva da família, da escola e dos profissionais de saúde de Capuava

Apresentamos a seguir uma análise dos dados, que recupera algumas categorias eleitas como fundamentais pela equipe de pesquisa, geradas a partir do roteiro de ques-

tões dos grupos focais e das entrevistas, e que organizam os significados atribuídos ao universo jovem e masculino, com o discurso dos profissionais de saúde, das professoras e do professor, e dos pais. Procurou-se evidenciar as principais diferenças e semelhanças na estruturação dos discursos sobre a imagem do jovem na nossa sociedade; a associação da juventude com a vio-

Como são os jovens na perspectiva dos adultos

Segundo seus pais, os jovens de Santo André estão vivendo em um mundo muito diferente daquele que eles próprios viveram na sua juventude. O grupo focal de pais apontou que o relacionamento intrafamiliar entre pais e filhos é vivido de uma forma desrespeitosa e desqualificada, diferente do modelo tradicional de família e dos padrões de comportamento aprendidos na geração dos pais. Vejamos alguns exemplos:

- "- O próprio respeito mudou. O próprio filho da gente, o que o meu filho fala para mim, na base da brincadeira, eu não tinha coragem de falar para o meu pai... "(José César - grupo de pais)
- "- Não tem respeito. Hoje, o menor chega perto do pai: "ô, vai se fudê, não sei o que... Tem palavra não, respeita não; chama de você, não chama de pai, chama pelo nome ..." (Paulo - grupo de pais)
- "- Hoje, fuma, joga até a fumaça na cara do pai ... "(José - grupo de pais)

Da mesma forma, o grupo de mães se preocupa com o cotidiano dos seus filhos e filhas expondo a infalibilidade da fórmula desobediência aos pais = adesão à marginalidade. Ao mesmo tempo em que identificam o perigo rondando as instituições sociais, admitem a existência de vida saudável entre os jovens do seu convívio, apresentando algumas vezes um discurso mais otimista, explorando possibilidades de inserção dos jovens nas atividades coletivas de lazer e de participação social.

- "- As meninas nem tanto, mas os meninos nem pelo nome eles são chamados, eles já têm apelidos, se fala muito na gíria, eles são chamados muito de moleques, de vagabundos até pelos próprios adultos, pelas próprias pessoas da comunidade. Porque eles gostam muito de ficar sentados na calçada conversando, trocando

uma idéia, não sei o quê... Então, às vezes, junta aquela rapa de moleque tudo lá no pé do portão, aí eles ficam lá porque está sombra, bem naquele cantinho, ficam conversando, gíria, palavão, coisa e tal. Dá mesmo impressão que eles são ... assim, acaba taxando eles, esse bando de vagabundos, e já começa a falar. **Quer dizer, na realidade, na própria comunidade eles já são discriminados.**" (Cleide - grupo de mães) (grifo nosso)

É interessante observar como o discurso das mães tende a reproduzir uma diferenciação entre meninos e meninas, com base nas características socialmente construídas e apontadas por vários estudos e apontadas por vários estudos de gênero, como uma visão bipolar das relações de gênero: os homens mais agitados, violentos, ligados ao universo da "rua" e as mulheres mais dóceis, obedientes. As mães identificam na própria sociedade uma linguagem discriminatória relativa aos rapazes, chamados regularmente de "vagabundo", "moleque". Trata-se de uma linguagem discriminatória, mas que é também definidora de um modelo de masculinidade em contraposição ao modelo hegemônico do homem adulto, que é trabalhador e responsável; esse é o modelo evocado.

A preocupação com o destino dos jovens marcou também o discurso do grupo de professores, que oscilou entre a denúncia de uma situação bastante grave no âmbito da escola e a familiaridade com os problemas da juventude. Teve características de um discurso sófrego, de um quase lamento, pelas mazelas, as quais os jovens de hoje são vítimas. Foram várias as referências sobre aquilo que os jovens não são enquanto cidadãos, dos problemas decorrentes do fato de serem jovens, e raras vezes foi-lhes creditada a possibilidade de virem a ser sujeitos com direitos de participação, capazes de ações propositivas para intervirem no meio social. O grupo problematizou com veemência o papel das instituições sociais nos dias atuais

...para o grupo de pais a palavra definidora do que o jovem pensa que é ser homem, foi responsabilidade.

lência urbana, sua relação com as drogas e o consumo de álcool; atitudes e comportamentos relacionados à sexualidade e ao autocuidado, tendo em foco a perspectiva dos adultos com relação à saúde dos jovens. Destacaremos alguns destes aspectos.

Algumas questões adquirem significados semelhantes entre os adultos e os jovens, estes reproduzindo discursos sobre um certo modelo de masculinidade, cunhado pe-

...o relacionamento intrafamiliar entre pais e filhos é vivido de uma forma desrespeitosa e desqualificada, diferente do modelo tradicional de família...

las noções de responsabilidade, de trabalho (ser trabalhador) e pelo uso da violência em defesa da honra pessoal (não levar desaforo para casa), entre outras. A compreensão destes significados é a nossa meta, como forma de contribuir para a definição de diretrizes que possam orientar as ações no campo da saúde, dos direitos sexuais e reprodutivos dos jovens rapazes.

apontando a urgência de se investir em propostas de interlocução com diferentes parceiros, como estratégia de resgate dessa juventude marginalizada, ainda que não tenha colocado em questão a própria atuação da escola como uma importante instigação de socialização dos jovens.

O grupo focal dos profissionais de saúde trouxe uma riqueza de informações muito grande sobre os jovens da comunidade Capuava. Formaram um retrato contundente da exclusão social em que vivem os jovens da região, a situação de abandono com relação às políticas públicas, a convivência da população com o tráfico de drogas e o uso de drogas pelos jovens. A justificativa do discurso desse grupo encontra ressonância em muitos outros já veiculados, que dizem:

"O aumento da exclusão e da limitação de oportunidades para os jovens nos últimos anos decorrentes, em boa medida, da crise econômica e social em que mergulhou o país nos anos oitenta e durante o primeiro triênio da década de 90 devem ter contribuído poderosamente para o aumento progressivo de comportamentos anti-sociais, notadamente a delinquência, o tráfico de drogas e a prostituição... Nessas condições, a desesperança e a desilusão tomam conta de uma parte crescente de jovens. (Arias, 1998)"

A visão dos profissionais de saúde sobre quem e como são se assemelha em vários aspectos com as concepções dos professores e da família: os jovens estão sem perspectivas para o futuro, querem apenas "curtir":

- "- Como é que é esse jovem de Santo André? ECOS
- "- Ah, eles querem é pagode!" (Ivo)
- "- É. (Maioria)"
- "- Fumar maconha e namorar." (Rosana)
- "- Eles estão num período, assim: 'De ficar.'" (Dolores)
- "- É. (Maioria)"
- "- Parece que é um período meio assim, de experimentar tudo!" (Dolores)
- "- Assim, tudo pode mas nada de

ser assumido. Tudo pode, mas nada se assume." (Madalena)

- "- É verdade, mas isso têm dois lados. A gente está falando de uma determinada população, só que não é só isso. Também tem um grupo que quer estudar, que tem objetivo e projetos de vida, que investe no estudo, que tem objetivo de conseguir vaga numa universidade. Alguns têm essa ânsia de experimentar um pouco de tudo, mas com um pouco mais de medida, que tem um continente tanto familiar como social delimitado. E isso assim, dentro de diferentes padrões sócio-econômico, que daí não é pagode. Mas vai para a danceteria, vai para a balada, que é a linguagem deles, né?. Vai para a balada. Se não vai consumir a maconha, vai consumir o êxtase e outras drogas mais caras, tá? O que muda, talvez, é a maquiagem. São maquiagens diferentes." (Rosana)

"- Mas no fundo, o que isso significa? "ECOS

- "- Eles experimentam tudo, eles até experimentam, só que alguns numa medida maior e outros não. "(Rosana - grupo de profissionais de saúde)"

Rosana lembra que não há generalização possível relativa ao comportamento da juventude. A maioria dos profissionais tende a reproduzir um discurso de senso comum, no qual o jovem extrapola limites e é visto como irresponsável. Essa atitude, no entanto, é fundamentada na ociosidade a que muitos jovens estariam relegados. Ou seja, é preciso manter o jovem constantemente ocupado, sob o risco dele meter-se em encrencas.

Por outro lado, chamou a nossa atenção a vulnerabilidade dos jovens diante das situações de violência empregada por adultos, particularmente, aqueles em situação de exercício formal de poder, como é o caso de policiais. A maioria do grupo havia, em algum momento de sua vida, sofrido coação por parte de policiais. Essas situações estavam impregnadas de preconceitos, desde a forma de se vestir até a cor da pele:

A.- Tenho certeza de que a probabilidade de um cara parar você à noite é menor do que parar ou ele ou eu, por causa do traje, do jeito que ele está andando e por causa da minha cor..."

R.- "A semana passada eu fui abordado duas vezes, uma na frente da minha casa e outra na frente da escola; eu estava saindo de dentro da escola, de manhã, o policial me chamou de vários nomes, palavras, por quê? Acabei de sair da escola e já tinha um pessoal sendo abordado e o que aconteceu? Eu estava com minha pasta na mão, caderno e eles me abordaram, pararam, revistaram, olharam dentro da minha pasta e fizeram várias..., porque eu estava com o documento, fui para a escola, eles queriam me levar para o DP; na frente da minha casa, me aborda-

A maioria dos profissionais tende a reproduzir um discurso de senso comum, no qual o jovem extrapola limites e é visto como irresponsável.

ram, me chamaram de Zé e vários palavrões, um monte de coisas, sem eu fazer nada."

Cabe destacar, a capacidade reflexiva desses jovens, residentes nos bairros pobres da periferia de Santo André (situação sócio-econômica semelhante a de tantos outros jovens) para perceber que a discriminação dos adultos surge porque eles não conseguem, muitas vezes, atender às expectativas esperadas de um homem jovem. A dificuldade para conseguir trabalho, por exemplo, pela falta de experiência ou oportunidade, é um exemplo da dimensão desse preconceito.

Comentários Finais

Questões como as colocadas pelos adultos e também pelos jovens mostram que é preciso aprofundar a análise que nós, pesquisadores e

formuladores de políticas públicas, fazem sobre o cotidiano dos jovens, sobre a concepção que eles têm sobre sexualidade e saúde reprodutiva para que um modelo de atenção à saúde deles possa ser elaborado e implementado e atenda às suas necessidades. E, neste sentido, qualquer programa, para obter êxito deverá dar voz ao jovem e criar oportunidades, de modo que ele possa adquirir ha-

nossa organização social e política acabam funcionando como uma barreira à prevenção e ao autocuidado, como por exemplo: nem todos os jovens têm acesso à informação e aos serviços de saúde específicos para as diferentes faixas etárias. Nos diferentes estratos sociais, as mulheres ainda têm muita dificuldade para negociar o uso da camisinha com seus parceiros; a distribuição de preservativos e outros métodos contraceptivos é insuficiente; o número de programas de prevenção e de atendimento aos adolescentes vítimas de violência ainda é muito pequeno. Os jovens do sexo masculino não são contemplados nos programas de saúde sexual e reprodutiva e não vislumbram porta de entrada nos sistema de saúde a não ser via medicina curativa.

As informações sobre sexualidade estão mais disponíveis para os jovens, mas ainda há muito por ser feito para reduzir a vulnerabilidade da juventude. Quando pensamos em drogas, Aids, gravidez na adolescência e violência, isso fica mais evidente. O fato dele/a habitar uma determinada região, freqüentar uma determinada escola, ter ou não ter seus direitos respeitados, exerce influência na possibilidade de obter informações, ter acesso aos métodos, estar exposto ou não às situações de violência, etc.

A maneira como falamos sobre os jovens, como os retratamos têm forte impacto sob a forma que virão a se relacionar com seus pares, familiares e com as mulheres. Para a ECOS é importante estarmos atentos à atuação da mídia, na construção da imagem do jovem, sobretudo, do jovem pobre e negro. Mais do que estarmos atentos é preciso reagir a qualquer tipo de discriminação e fortalecer nas nossas ações uma imagem assertiva do jovem, lembrando que na juventude "está implícita uma atitude definida diante da vida, um estilo de existência social e uma força de renovação histórica presentes e atuantes (...)" (Foracchi, 1965, p.304). A visão crítica dos jovens e o seu anseio por autonomia fazem deles porta-vozes de todas as reivindicações e

denunciadores de todas as formas de opressão, basta lembrar das falas, aqui expostas, dos jovens de Capuava.

Autoras:

- * Socióloga, pesquisadora da ECOS.
- ** Socióloga, diretora de projetos da ECOS.
- *** Psicóloga, assistente de projeto.
sandra@ecos.org.br
sylvia@ecos.org.br

Notas:

- 1 - O Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina da Fundação ABC (CSE/FMABC) existe desde 1986 e a sua criação se deu por meio de um convênio entre a Fundação ABC, a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, a Fundação de Assistência à Infância de Santo André (FAISA) e a Prefeitura Municipal de Santo André.
- 2 - Foi essencial para a realização da pesquisa a colaboração de Sérgio Barbosa e a J Juny Kraiczky do CES - Centro de Educação para a Saúde, de Santo André. Agradecemos também a participação de Dolores Galindo e Bianca Alfano.
- 3 - Com relação à população jovem, um dos problemas que se coloca é a diversidade de interpretações em relação ao que se considera como a faixa etária que abrange essa população, uma vez que se têm perfis e realidades diversas conforme a situação: 10-14 anos, 14-19 anos ou 20-24, (está última faixa etária já considerada como jovem adulta). Para efeito desta pesquisa, dois coortes foram considerados: 15 a 19 e 20 a 24 anos.
- 4 - Ver também ROSEMBERG, Fúlvia. Relações de Gênero e Subordinação de Idade: um ensaio. São Paulo: PUC/SP, 1992 (mimeo).
- 5 - Para uma discussão mais detalhada sobre o conceito de masculinidade hegemônica ver CONNELL, R. W. Políticas de Masculinidade. Educação e Realidade, v.20, no. 2, UFRS, Porto Alegre 1995 e do mesmo autor Masculinities. Los Angeles: University of California Press, Los Angeles, 1995; Arilha, Margareth; Unbehaum, Sandra; Medrado. Homens e Masculinidades: outras palavras. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998 e 2001.
- 6 - Essa característica foi bem trabalhada pela Margareth Arilha na sua dissertação de mestrado Masculinidades e Gênero: discursos sobre a responsabilidade na reprodução. [Dissertação de Mestrado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. 1999.

Bibliografia:

- ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: ANPED- Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. Revista Brasileira de Educação: Juventude e contemporaneidade. ANPED. número especial, 1997. P. 25-36
- AMBROMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças. Violência nas Escolas, Brasília: UNESCO e outros, 2002.
- FORACCHI, Marialice. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. São Paulo: Editora Nacional, 1965

...a vulnerabilidade dos jovens diante das situações de violência empregada por adultos, particularmente, aqueles em situação de exercício formal de poder, como é o caso de policiais...

bilidades para lidar com o seu corpo, a sua sexualidade, tais como: poder de decisão, assertividade, capacidade de negociação etc.

É necessário que programas de sexualidade para adolescentes, saúde reprodutiva, prevenção das DSTs e AIDS levem em conta, antes de qualquer coisa, os aspectos sociais, culturais e econômicos do país onde estão inseridos. Os programas de

A maneira como falamos sobre os jovens, como os retratamos têm forte impacto sob a forma que virão a se relacionar com seus pares, familiares e com as mulheres.

saúde e de educação sexual que enfocam somente a informação sobre a reprodução têm demonstrado não satisfazer aos/as jovens, tendo em vista a necessidade de uma abordagem que atenda também os aspectos sociais e psicológicos da sexualidade.

É preciso conhecer o universo dos adolescentes, ouvir seus anseios e necessidades. A nossa cultura e a